

A PEDAGOGIA DA CATEQUESE – REPRESENTAÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS JESUÍTICAS EM SERGIPE COLONIAL.

Léo Antonio Perrucho Mittaraquis
Universidade Federal de Sergipe
leomittaraquis@uol.com.br.

Palavras-chave: *Cristianismo, Pedagogia, Jesuítas, Sergipe Colonial.*

A um conjunto de métodos visando assegurar a adaptação de indivíduos a determinado conteúdo informativo, voltado para – através da explicação estruturada por um processo organizado, lógico e sistemático – os mistérios da fé, denominamos *pedagogia da catequese*. Tecnicamente esta seria a significação, a mais precisa possível, segundo nosso entendimento. No âmbito que pretendemos operar, educação e religião, isto é, a aplicação de uma ordem (regras de um sistema) com o intuito de regular uma determinada atividade objetivando assegurar a formação e o desenvolvimento intelectual e moral do indivíduo, e a coleção de dogmas e práticas próprias de uma crença, manifestam-se, em seus mais diversos aspectos, a partir também de uma realidade histórica.

Nosso objeto de estudo e pesquisa, **A Pedagogia da catequese – Representações das práticas educativas jesuíticas em Sergipe colonial**¹, configura-se num recorte cronológico e topológico: séculos XVI e XVII, no território de Sergipe, uma capitania, no período colonial, e se constitui na apreensão crítica do significado da presença dos jesuítas no território sergipano no que diz respeito à implantação de uma prática pedagógica.

Defendemos, portanto, que os resultados obtidos através das nossas pesquisas sobre o tema revestem-se de capital importância na construção de uma perspectiva historiográfica da educação brasileira.

Considerações sintéticas sobre o objeto ao longo da História

A pedagogia da catequese percebe suas origens no cenário formado pelas ocorrências que constituíram todo o processo que resultou no fim da Antiguidade. Nasce no seio de um

¹Recorremos, para justificar o citado recorte à historiadora Thetis Nunes. Em sua obra *Sergipe Colonial I*, ela informa que: “Em janeiro de 1575, o Padre Gaspar Lourenço, ‘grande língua e entre eles muito afamado’, e o irmão João Salônio passaram o rio Real, iniciando a catequese com a fundação da Missão de São Tomé, seis léguas distantes do rio Real (onde possivelmente se localiza a cidade de Santa Luzia). Uma pequena igreja de pindoba foi erguida e consagrada a Nossa Senhora da Esperança. Seguiram-se as Missões de Santo Inácio, 10 a 12 léguas para o norte, às margens do Vasa-Barris (provavelmente no local da cidade de Itaporanga), nas terras do cacique Surubi, e a de São Paulo, ‘junto ao mar’, região do cacique Serigi. Nessas aldeias agregou-se numerosa população indígena liderada pelos caciques Serigi, Surubi e Aperipê, este dominando as terras entre o rio Real e o Vasa-Barris. Os padres começaram a ensinar a doutrina cristã, e na Missão de São José o Padre Gaspar Lourenço abriu uma escola para as crianças, denominada São Sebastião, tendo como professor o Irmão Salônio, que foi, assim, o primeiro professor de Sergipe”. NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 20-21.

movimento revolucionário, o Cristianismo. Entre o fim do mundo antigo e o início do medievo, deu-se um rearranjo estrutural no campo histórico-educacional (no quadro histórico-social), processo este que forneceu as condições propícias a um novo ideal, isto é, a um objeto de mais alta aspiração, de forma a orientar as práticas educativas. O Cristianismo primitivo se vê diante da necessidade de se afastar da visão pedagógica greco-romana. Assim, um sentimento contrário se manifestou entre a visão de mundo helênica e a cristã. Situação de conflito que, até então, mantinha-se, pode-se dizer, latente. Mas a ruína da cultura antiga permitiu que se divisassem os valores constitutivos do campo educacional, onde se dava, em maior ou menor grau, conforme o momento, o embate entre os agentes representantes de ambas as linhas de pensamento. Os aspectos morais e religiosos passaram a sobrepor as referências intelectuais e estéticas. A fragmentação cultural do mundo antigo (grego e romano) foi, paradoxalmente, o motor dessa revolução pedagógica, voltada para a salvação da alma.

Evoluindo, o Cristianismo consolida-se através do conceito de instituição aplicado à fundação e à organização da Igreja, isto é, estrutura material, humana e, principalmente, espiritual, estabelecida a partir de leis e regras fundamentais que deverão reger, em todos os aspectos, a sociedade cristã. Nesse decurso em que se busca a unidade, a Educação terá papel preponderante, afirmando uma identidade. Ao longo dos séculos, até a modernidade, esta prática educativa adotará distintas perspectivas, isto é, diferentes visões de mundo.

No que se refere ao objeto sob análise, podemos afirmar que a pedagogia da catequese, em sua natureza e propósitos completamente definidos, no âmbito do que compreendemos como Idade Moderna, tem tempo, lugar e evento de origem: O ano é 1534, o lugar é a Igreja de Montmartre, na França. Um ex-soldado espanhol, de origem nobre, de nome Inácio de Loyola (1491-1556), juntamente com mais seis companheiros, fazem, em campo sagrado, o voto de:

Dedicarem-se ao trabalho missionário em Jerusalém, e, se isto falhasse, colocarem-se sob as ordens do Papa, para qualquer serviço. Seu propósito geral era agir como um corpo militante de homens absolutamente dedicados a destruir a heresia por todos os meios e a converter o mundo pagão à fé católica. Esta, eles acreditavam fervorosamente, era a vontade de deus, que simbolizavam pelas letras O.A.M.D.G. que representavam a frase: *Omnia ad majorem Dei gloriam* (Tudo pela maior glória de Deus).²

O trabalho de pregação é levado adiante no firme propósito de catequizar e trabalhar para a conversão dos pagãos. A ordem jesuítica aprimora uma metodologia de ação que responde eficazmente ao movimento reformista³, incluindo uma ênfase á formação pedagógica. Quanto a isso, diz-nos Franco Cambi:

A dos jesuítas é a ordem religiosa que, pondo em prática coerentemente os princípios da Contra-Reforma, desenvolve um sistema orgânico de instrução que se afirma de maneira expansiva em escala mundial e lança os fundamentos da escola moderna, laica e estatal.⁴

² EBY, Frederick. História da educação moderna. Séc. XVI/séc.XX. Teoria, organização e prática educacionais. Porto Alegre: Ed. Globo/MEC, 1976, p.93.

³ A definição mais simples deste termo [Reforma] é caracterizá-lo como um “movimento que cindiu em duas partes o Ocidente cristão”. Esse movimento, verdadeiro cisma, separou dos católicos os cristãos que protestavam contra certos abusos que, alegavam, vinham ocorrendo na Igreja Católica, por isso sendo chamados de “protestantes”. AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário Histórico das Religiões**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2002, p. 309.

⁴ CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.200.

Os princípios da Contra-Reforma são, certamente, os pontos capitais em torno dos quais gravitam as ordens religiosas católicas. Estes foram pensados, debatidos, elaborados e determinados entre 1545 e 1563, quando acontece um importante concílio, que levará o mesmo nome do local onde se deu, e marcará, indelevelmente, a história do Cristianismo no Ocidente: o Concílio de Trento⁵, na Itália. Dessa reunião de dignitários eclesiásticos, especialmente bispos, sancionada pelo papa, para deliberar sobre questões de fé, costumes, doutrina e disciplina eclesiástica, resultou várias medidas, entre as quais se destacaram:

A manutenção dos sacramentos, a ênfase dada à eucaristia e às obras pias, a adoção de um catecismo norteado pelo dogma católico, bem como a oficialização do tomismo (princípios, idéias e concepções religiosas firmados por Tomás de Aquino). E ainda a criação de seminários destinados à preparação dos sacerdotes e das prédicas.⁶

No entanto, a ordem jesuítica transcende seus propósitos aparentemente mais imediatos. Através desses homens de fé, a Contra-Reforma não se restringiu, como movimento, a alguns países europeus. Levando em consideração seu treinamento militar, o ex-soldado Inácio de Loyola, com a aprovação do papa Paulo III, funda a Companhia de Jesus, isto é, constituiu um grupo organizado reunido, determinando-se o seu fim comum: manter seus membros na condição de militantes dessa entidade religiosa. A amplitude dessa proposta é bem dimensionada por Cambi:

Uma ordem ‘militar’, portanto, com uma estrutura rigidamente hierárquica e sujeita à mais total obediência ao chefe supremo que é o preposto geral, mas também uma ordem missionária que, enquanto tal, desde o início do seu mister mostra atribuir grande importância ao instrumento educativo na afirmação do catecismo contra-reformista. Nesse sentido, compreende-se a instituição por parte da Companhia de inúmeros colégios para religiosos, depois abertos também aos leigos, em grande parte da Europa e do mundo, que se tornam, assim, o instrumento mais eficaz para a elaboração de uma nova forma de cultura mais próxima dos princípios da Igreja católica.⁷

A compreensão do que devesse ser o colégio dentro da ordem jesuíta, fez com que a congregação religiosa concebesse um local onde todo o movimento era submetido a uma *regra*, incluindo a rigorosa obrigatoriedade de oferecer a formação pedagógica. No que se refere às instituições escolares fundadas pela Companhia de Jesus, a partir o pleno êxito alcançado pelos colégios-matrizes, de Messina (1548) e de Roma (1550), justificou-se a expansão das práticas educativas através da implantação de estabelecimentos de ensino por quase todo Ocidente europeu⁸. Tendo em sua natureza relações estruturais que validam um

⁵ Em 8 de abril de 1546, os padres reunidos na IV sessão do Concílio de Trento declararam herética a tese *sola fide et sola scriptura* (“só com a fé e só com a escritura”) da teologia reformada. HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. Organizadores. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 19.

⁶ AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário Histórico das Religiões**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2002, p. 105.

⁷ CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.261.

⁸ “Em pouco tempo, surgem outros em quase toda a Itália e na Europa: em 1586, conta-se com um total de 162, dos quais 147 abertos no exterior. Com a sua difusão, afirma-se a necessidade de dar uma organização coerente e unitária aos programas de ensino. Num primeiro tempo, o problema é resolvido estendendo aos outros colégios as orientações seguidas nos de Messina e de Roma, passando-se sucessivamente à redação de uma verdadeira *Ratio Studiorum*, completada sob a direção do ‘geral’ da ordem, Cláudio Acquaviva, e publicada em 1599. CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 261.

sistema de crença, integrando uma organização apostólica, aliada a uma disposição para o combate e ocupação dos campos⁹, envidando em promover um conjunto de ações, estrategicamente formuladas, visando converter (ou reconverter) povos e sociedades quanto ao pensamento universal, isto é, como idéia ou como um conceito abrangente e aplicável a todos os indivíduos, a Companhia de Jesus tornou-se um movimento que se projetou em diversas direções. Quanto a essas ações que se dão tanto no campo religioso, como no sócio-cultural, vale-nos as observações de Franco Cambi sobre os colégios que derivam da experiência de Messina e Roma:

Em pouco tempo, surgem outros em quase toda a Itália e na Europa: em 1586, conta-se um total de 162, dos quais 147 abertos no exterior. Com a sua difusão, afirma-se a necessidade de dar uma organização coerente e unitária aos programas de ensino. Num primeiro tempo, o problema é resolvido estendendo aos outros colégios as orientações seguidas nos de Messina e no de Roma, passando-se sucessivamente à redação de uma verdadeira *Ratio studiorum*, completada sob a direção do “geral” da ordem, Cláudio Acquaviva, e publicada em 1599.¹⁰

A lógica expansionista mantida pela Companhia de Jesus alcança, evidentemente, territórios ultramarinos, mais precisamente as colônias, como é o caso do Brasil. Partindo desse princípio é que, como já dissemos, operamos nosso recorte temporal e topológico, isto é, séculos XVI e XVII no Sergipe Colonial.

O objetivo geral é estabelecer as significações histórico-culturais das atividades pedagógicas dos jesuítas na então recém-formada sociedade colonial sergipana: propostas e contribuições. Para tanto, intitulou-se assim o projeto de pesquisa: **A Pedagogia da catequese – Representações das práticas educativas jesuíticas em Sergipe colonial.**¹¹

Quanto aos objetivos específicos, entende-se que o fim é: compreender como foram definidas, pelos jesuítas, as estratégias de ação no processo de estabelecimento da ordem entre os colonos; em que perspectiva os jesuítas são percebidos pela sociedade embrionária de

⁹ Recorremos, no caso, ao conceito de campo proposto por Bourdieu, não obstante o sociólogo emprestar ao termo um significado contingente. No caso do campo religioso, cremos poder reproduzir, aqui, a seguinte concepção: ‘Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instancias religiosas, indivíduos e instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 57.

¹⁰ CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p.261

¹¹ Cremos que o trecho de carta, datada de 7 de setembro de 1575, escrita pelo Padre Inácio de Toloza ao padre geral, transcrita na íntegra pelo historiador Felisbello Freire em seu livro **História de Sergipe**, e que reproduzimos a seguir, também contribui para ilustrar satisfatoriamente o título concebido para o objeto de pesquisa: “Logo começou o padre [Gaspar Lourenço] a ensinar-lhe a doutrina pela manhã, a tarde e a noite. Um índio de nossas aldeias ia tangendo a campainha por toda a aldeia e assim acodiam muitos diante da casa, donde o padre os ensinava as cousas de nossa santa fé e o irmão tomou cargo da escola dos moços, que foram a princípio cinquenta e depois e depois chegaram até cem e em breve tempo sabiam as orações e a um que principalmente era enviado, acudia também com alguns brancos que estavam de alli a algumas seis léguas, consolando-os com dizer-lhes missa e confessando-os e um dia volvendo para esta aldeia de S. Tomé os consolou Deus Nosso, porque estando em roda della, ouviram grandes vozes diante da casa, onde moravam e era uma moça da escola de S. Sebastião que o padre havia deixado, para que vigiasse pelas casas e que estava ensinando a doutrina aos meninos da aldeia e depois os fazia persignar e santificar por si a cada um, e isto fez todo o tempo que estiveram ausentes, que foram nove dias”. TOLOZA, Inácio de. In: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977, p. 72.

então numa região ainda em processo de colonização; como os jesuítas respondem a esta sociedade através do discurso pedagógico-catequético.

Ao longo do processo de consecução destes objetivos, pretendeu-se buscar apoio, para entendimento do objeto, na perspectiva da História Nova e da História Cultural aplicada, direta ou indiretamente, à História da Educação. No intuito de adquirir-se a compreensão do conceito de ambas as correntes, lançou-se mão, em relação à primeira, do que diz Jacques Le Goff, sobre como a História Nova percebe significações de poder no simbólico e no imaginário¹² – termos extremamente íntimos ao objeto de interesse. Além disso, Le Goff aponta o sentido em que a História Nova se realiza: considerando todos os documentos que podem representar as sociedades, observando a especial necessidade de se incluir como fonte, os documentos artísticos e literários.¹³

A respeito da segunda corrente, de acordo com Peter Burke, abre-se um amplo leque de campos (e outros campos dentro desses). O que coloca esta pesquisa diante de uma realidade epistemologicamente complexa. Segundo o historiador inglês, o termo, cunhado no século XVIII, fragmentou-se¹⁴, fazendo com que estudiosos defendam a história de “setores” e, como diz Burke, dificultando imensamente a definição do que seja História Cultural¹⁵. Ainda mais quando aceita-se a ampliação do termo para Nova História Cultural. Compreende-se, contudo, que ambas as correntes auxiliarão, dentro das eventuais limitações, a construir-se o *corpus* hipotético, isto é, a estrutura documental e teórica que legitima a existência do objeto pesquisado.

No mesmo sentido, ainda que levando-se em conta especificidades, segue-se o subsídio de outros autores, a saber: Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Marc Bloch, Michel de Certeau, Michel Foucault, Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Roger Chartier.

No que concerne à formação do pensamento cristão e sua presença na História da Educação, num contexto mais geral, recorreu-se aos filósofos da Antiguidade Clássica (Aristóteles e Platão) e do Medievo (Hugo de São Vitor, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino – incluindo a corrente de pensamento representada pela Escola tomista). Buscou-se aporte, também em Etienne Gilson, filósofo e medievalista francês, e Philotheus Boehner, fundador e primeiro diretor do Instituto da Universidade de São Boaventura (Estado de Nova Iorque).

Para a análise da natureza mesma do objeto de estudo e pesquisa, valeu-se dos seguintes teóricos e historiadores (ligados à História e à História da Educação): Beatriz Góis Dantas, Felisbela Freire, Franco Cambi, Frederic Eby, João Adolfo Hansen, John W. Malley, José Maria de Paiva, Jorge de Souza Araújo, Leonor Lopes Fávero, Luiz Antonio Barreto, Maria Thetis Nunes, Padre Antônio Vieira, Padre Aurélio Vasconcelos de Almeida, Padre Leonel Franca, Rafael de Bivar Marquese, Rômulo de Carvalho, Serafim Leite, Vigário Philadelpho Jonathas de Oliveira.

O presente artigo reflete, no que diz respeito ao objeto estudado, a combinação de dois tipos de pesquisa: documental e bibliográfica. Recorreu-se aos arquivos e bibliotecas públicos, arquivos e bibliotecas de instituições religiosas, instituições de pesquisa documental. Cumpre descrever, analisar e explicar os conteúdos contidos nas fontes levantadas. Como fundamentação teórica dos procedimentos metodológicos orientados para nossa pesquisa recorreu-se à concepção de documento/monumento proposta por Jacques Le

¹² LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 5.

¹³ LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 77.

¹⁴ “O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras”. BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 10.

¹⁵ Ver BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Goff, o qual aponta para a modificação dos modelos de metodologia aplicada ao reconhecimento de fontes:

Hoje o *método* seguido pelos historiadores sofreu uma mudança.. Já não se trata de fazer uma seleção de monumentos, mas sim de considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para, além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da *cultura material*, os objetos de *coleção* (cf. *pesos e medidas, moeda*), os tipos de *habitação*, a *paisagem*, os fósseis (cf. *fóssil*) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. *animal, homem*). Enfim, tendo em conta o fato de que todo o documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso (cf. *verdadeiro e falso*), trata-se de pôr á luz as condições de produção (cf. *modo de produção, produção/distribuição*) e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder.¹⁶

Sob essa perspectiva metodológica é que está sendo desenvolvida nossa pesquisa, levando em consideração todas as possibilidades de informações potencialmente contidas nas fontes pertinentes ao objeto estudado. Estas fontes nos conduzem para as práticas pedagógicas dos jesuítas em terras sergipanas. Cumpre observar que a natureza dessas práticas ainda não se encontra bem elucidada, portanto, constatada e compreendida.

Segundo a historiadora e pesquisadora Maria Thétis Nunes¹⁷, foi com a chegada dos jesuítas em terras sergipanas, espaço ainda em definição quanto as suas possibilidades de desenvolvimento econômico, social e cultural, que uma tênue tendência ao estudo das Letras. Contudo, é fato sabido quanto ao pouco interesse que a capitania de Sergipe despertava entre os representantes da Companhia de Jesus. Isso em razão do desconhecimento sobre o potencial econômico da região.

Entretanto, ainda que se repute, por um lado, como um tanto nebulosas, imprecisas, as informações sobre a presença dos jesuítas em terras de Sergipe, por outro, os dados referentes à nomes representativos da prática pedagógica jesuítica oferecem condições propícias a que se busque compreender o significado dessas práticas para a História da Educação em Sergipe.

Entre os nomes, destacou-se, como de interesse nesse estudo, o Padre Gaspar Lourenço. Os motivos que levaram à esse direcionamento da pesquisa, até o momento, devem-se à constatação de que esse religioso operou largamente pela capitania, detendo considerável poder sobre os silvícolas. Os primeiros dados coletados informam que, diante das constantes escaramuças entre colonos e índios na capitania (ainda compreendida com parte da Bahia), Gaspar Lourenço é enviado á região, em 1575, pelo Governador da Bahia, Luis de Brito, contanto com o apoio do Padre Provincial Inácio Toloza, com a missão de apaziguar os conflitos. Em Lourenço fora depositada a esperança de conversão dos *gentios*.

Levantando igrejas nas aldeias, pregando o evangelho, Lourenço estabelece uma prática pedagógica da salvação. Os documentos que ora estão sendo identificados, lidos e analisados apontam para um envolvimento radical do religioso com as questões não só religiosas, mas, também, políticas. A figura do Padre Gaspar Lourenço começa a sair das brumas do passado, apresentando-se como uma presença marcante no processo de colonização capitania que, num futuro próximo, passará a ser denominada Sergipe Del Rey.

¹⁶ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003, p. 525.

¹⁷ NUNES, Maria Thetis. **A educação na colônia: os jesuítas**. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a. 156, n. 389, 1997.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Aurélio Vasconcelos de. Vida e obra do primeiro padre apóstolo de Sergipe: Padre Gaspar Lourenço. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v.16, n.21, 1955.

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma de teologia** – Primeira parte. Questões 84-89. Uberlândia, MG: EDUFU, 2004.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário Histórico das Religiões. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2002.

BARRETO, Luiz Antônio. (Sergipe. Seleção e notas). **Catequese/1575** – Documentos para sua história em Aracaju. Aracaju: Secretaria da Educação e Cultura/Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico, 1975.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMBI, Franco. História da pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, Rômulo de. **História do ensino em Portugal** – Desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

DANTAS, Beatriz Góis. A missão indígena do Geru. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n.28, p. 65-87, 1982.

EBY, Frederick. História da educação moderna. Séc. XVI/séc.XX. Teoria, organização e prática educacionais. Porto Alegre: Ed. Globo/MEC, 1976.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, 2v.

FÁVERO, Leonor Lopes. **As concepções lingüísticas no século XVIII** – A gramática portuguesa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas** – o “*Ratio Studiorum*”. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977.

HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MADUREIRA, J. M. de. **A liberdade dos índios, a Companhia de Jesus, sua pedagogia e seus resultados**. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de História da América. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1927.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente – Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NUNES, Maria Thetis. **A educação na colônia: os jesuítas**. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a. 156, n. 389, 1997.

NUNES, Maria Thetis. **Ensino secundário e sociedade brasileira**. São Cristóvão: Editora da UFS, 1999.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe colonial I**. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1989.

OLIVEIRA, Adelpho Jonathas de. **Registro de fatos históricos de Laranjeiras**. 2. ed. Sergipe: Subsecretaria de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe, 1981.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2004.

VIEIRA, Antônio. **As lágrimas de Heráclito**. São Paulo: Editora 34, 2001.